

ELEFANTEBU

CULTURA POP E PATO FU
EDIÇÃO Nº10 DEZEMBRO DE 2005

NICK HORNBY
THE SHINS
ORISHAS



CANSEI DE SER SEXY

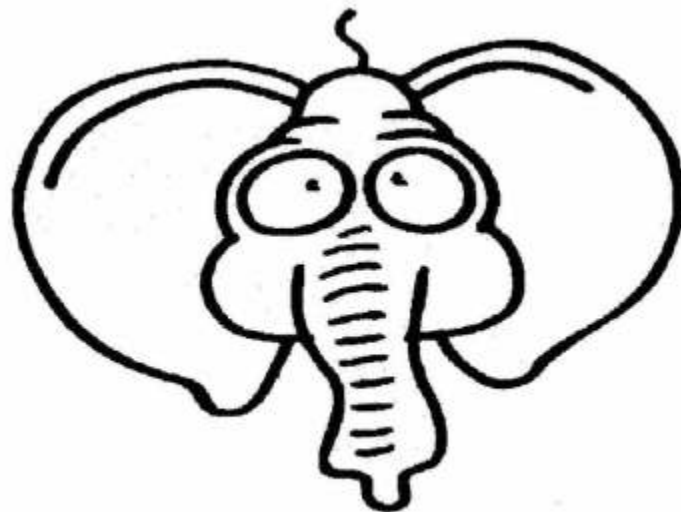
O Elefante Bu, ou Elebu, chegou a sua décima edição, a sexta do ano. É um belo desempenho considerando que só pretendia fazer apenas um para celebrar o novo disco do Pato Fu após uma longa parada.

Por incrível que pareça, as edições foram se sucedendo por causa de informações erradas. Primeiro houve o boato que o disco sairia após o carnaval. Corri na busca de colaboradores e armei um zine nos moldes do saudoso site. Como o disco não chegou e o material estava todo pronto, lá se foi o Elebu nº 5. Um novo boato disse que o disco sairia em abril. Corrida para arrumar mais uma edição e nada! O novo Pato Fu só foi dar o ara da graça em junho. A tal edição comemorativa finalmente aconteceu... no terceiro número do ano.

Quando chegou nesse ponto, o gosto por fazer trabalhos do tipo há muito perdido, reapareceu. Não deu mais para parar. Veio Porão do Rock com muita coisa Fu, Fernanda cronista, Sempre um Papo em Brasília... e lá se vai a quarta edição do ano! Se o trabalho é tão prazeroso, porque parar? E depois teve aquele disco da Natália que estava esperando a tanto tempo e precisava falar sobre ele...

Foi com essas desculpas que o elebu chegou a décima edição de sua história. Agora a desculpa é o Cansei de Ser Sexy, uma banda tão diferente que merece algumas palavras sobre. E tem aquele disco do Ney, o livro do Hornby, aquele filme bacana...

E assim o Elebu vai seguindo, procurando suas desculpas para a próxima edição. No mais, Feliz Natal e um ótimo 2006. Brasil hexacampeão, pense direitinho na eleição (e não repita a burrada que nos fez ficar quatro anos parados), fora Eurico e viva o Vasco, Osasco tetra-campeão, Palocci eu gosto de você, menos fome, menos guerra, palestinos e israelenses em paz, abaixo ao terror, abaixo ao EUA no Iraque, paz, amor, fraternidade...



EDIÇÃO, DIAGRAMAÇÃO E TEXTOS:

Djenane Arraes

FOTO CAPA:

Divulgação

AGRADECIMENTOS PARA ESTA EDIÇÃO:

Ricardo Moreira, Sandro Marcelo, Brunno SV, AlexLuiz, Daniela Casarotto, e a todo mundo que leu e apoiou o Elebu nesse ano.

E-MAIL e EDIÇÕES ANTERIORES:

elefantebu@yahoo.com.br

CANÇÕES E AFINS:

Serei bem pontual. *New Slang* (The Shins); *Amar Te Duele* (NLYLF); *For No One* (Beatles); *Coração Leviano* (Paulinho da Viola); *Disritmia* (Martinho da Vila); *Dança da Solidão* (mas a versão da Marisa Monte); *Lento* (Julieta Venegas); *I'm Wrong About Everything* (John Wesley Harding). Ou seja... para fazer essa edição estava afim mesmo de ouvir baladões, melodias tranquilas, muito violão! Às vezes é bom.

CANSEI DE SER SEXY

THE SHINS, ORICHAS,
NEY MATOGROSSO E
PEDRO LUIZ, MOLOTOV,
FABIO POP

A SÉTIMA VÍTIMA

NICK HORNBY

WINDOWS MEDIA PLAYER

QUADRINHOS

SUPER HOMEM

ALEXLUIZ

NADA MELHOR DO QUE TIRAR SARRO



O sexteto Cansei de Ser Sexy, ou CSS, sai da internet para se tornar uma das bandas mais empolgantes e promissoras no mundo real

Tecnopunk, ultratosco, eletro-rock. Muitos rótulos foram usados para definir a Cansei de Ser Sexy. Independente disso o que se pode dizer com certeza é que a banda de São Paulo é versátil e divertida pra caramba. E, por favor, não a coloque no mesmo patamar com aquela piada que vira moda e perde a graça depois de algum tempo. A CSS tem música que tira sarro, fez shows caóticos, e a vocalista tem visual teatral, mas a música é ótima.

Formada no final de 2003 por Ira Trevisan e Maria Helena Zerba, o objetivo inicial era fazer uma banda para não ser levada a sério. Deveria ser algo para brincar e beber muito álcool. E de fato não era sério, uma vez que a maioria das integrantes nem sabiam tocar. O único músico era o baterista Adriano Citra, ex-Thee Butchers' Orchestra. A eletrônica sustentava a banda, assim como um grande número de covers como *One Way or Another* (Blondie), *Humanos* (Tóquio) e uma versão espetacular de *Hollywood* (Madonna). As canções próprias eram muito toscas, como *Sô Lôra Sô Burra* e *I Wanna Be Your JLo*. Todo o material foi disponibilizado no site da Trama Virtual e a partir daí a CSS virou febre. O novo clássico *Meeting Paris Hilton* está entre as músicas mais "baixadas".

A farra só deu lugar ao profissionalismo após a surpreendente escalação para o TIM Festival de 2004. De acordo com Adriano, foi a partir daí que cada um procurou aprender a tocar seus respectivos instrumentos e a ensaiar para não fazer feio. Só essa preparação para o TIM custou R\$ cinco mil. O show foi classificado como decepcionante, mas ao menos a banda deixou de ser conhecida apenas no mundo virtual para ganhar o real.

A formação atual conta com Adriano Citra (bateria, às vezes guitarrista, e principal compositor), Lovefoxxx (vocal), Ira Trevisan (baixo), Carol (bateria/teclado/ guitarra), Luiza Sá (guitarra) e Ana Rezende (guitarra). Foi com ela que a CSS lançou neste ano o primeiro disco, com produção de Carlos Eduardo Miranda, que deu o que falar. O ponto polêmico é que acompanhando o CD há um CD-R virgem para poder copiar as músicas e dar de presente a um amigo. Em tempos que a briga contra a pirataria nas ruas e na internet esquenta, a CSS mostrou que não está preocupada com isso usando um recurso pra lá de genial. Nem deveria, afinal, não foi por causa da mesma internet que veio o sucesso? Paralelo ao CD, é vendido nos shows um EP com sete músicas com sobras de estúdio.

Hoje a CSS possui duas principais comunidades no Orkut: uma que ama, e outra que odeia. Enquanto a discussão entre os fãs e os não-fãs rola solta, os seis integrantes vêm seus trabalhos ganhando mais e mais espaço em lugares inusitados. *Meeting Paris Hilton* foi trilha de um comercial do canal Fox para divulgar o seriado *The Simple Life*, estrelado por Paris Hilton! *Computer Heat* recebeu uma versão em simlish(!) para fazer parte da trilha do popular jogo eletrônico *The Sims*.

No final de novembro eles estrearam o primeiro clipe na MTV com a música *Off the hook*, uma gravação 100% caseira. A MTV costuma ser um bom teste de popularidade para qualquer um. Se conseguir se destacar no canal, a CSS não apenas uma revelação do ano, mas sim a maior delas. Vai permitir que a banda saia do gueto dos bem informados para ganhar a massa. Oxalá.



Meeting Paris Hilton é a melhor música tira-sarro-de-gente-famosa desde *I Saw You Saying*, dos Raimundos. Tem o versinho "do you like the beach bitch", que de tão cafajeste vale o preço do CD. Ah, e o tecladinho meio clichê que também conta muito. Contudo, no meio das outras 13 faixas inusitadas, *Meeting Paris Hilton* não se destaca tanto assim. Esse é o grande barato do CSS, disco de estréia do *Cansei de Sexy*.

Cada música tem uma cara, um humor, um som diferente, o que faz o disco ser um corpo dinâmico. *Let's Make Love and Listen Death From Above* é cheia de swing e tem cheiro de anos 80. *Alala* é rock-n-roll. *Alcohol* pode ser considerada a faixa mais pop. *Poney honey honey* é uma inusitada balada. *Computer Heat* é show de bola. *Superafim* parece coisa Kelly Key em fase junk.

E como você deve ter percebido, o nome das músicas é um show à parte. Imagine um radialista falando "e vocês acabaram de ouvir *Fuck off is the only thing you have to show*" ou "*Music is my hot hot sex*". Muitos risos.

O melhor de tudo que além do lado divertido, o som é perfeito. O CSS ainda tem a vantagem da ausência de concorrentes. No cenário atual do mercado musical brasileiro (e vamos arriscar, também naquele internacional que vimos por meio da MTV) a banda é única do tipo, é a idéia "original".

Uma pena que as ótimas *I wanna be your JLo* e *Hollywood* (versão Madonna dos infernos) não entraram. O motivo é justo no caso de *Hollywood*, para ter a música no disco de estréia, o CSS teria de pagar uma bolada em direitos autorais. Ainda bem que existe internet!

THE SHINS – OH, INVENTED WORLD

Tenho fraco por canções do tipo lual. Aquelas músicas bonitinhas com uma letra bacana numa voz agradável, ótimas para serem tocadas em volta da fogueira. *New Slang* é bem assim. Você curte quieto, balançando o corpo de leve, e dependendo, os olhos podem se fechar para o pensamento fugir. Ela é uma das coisas mais adoráveis que ouvi e é uma das poucas em inglês que me fazem parar para prestar atenção. *New Slang* está presente no disco de estréia dos Shins, *Oh Invented World*. Essa banda foi formada em Albuquerque, no Novo México, e nasceu como “o projeto paralelo que deu mais certo que o principal” do guitarrista/letrista James Mercer e do baterista Jesse Sandoval. Lançaram o EP esquisitão *Nature Bears a Vacuum* em 1998, mas acabaram mostrando que vieram para deixar marca no mundo depois do adorável CD de estréia. *Oh, Invented World* é cheio de melodias simples e agradáveis. É difícil não se deixar levar por canções como *The Celibate Life*, *Girl Inform Me*, *One by One All Day*, *Pressed In a Book* e a própria *New Slang*. É prato cheio para qualquer indie que se preze. O bom dos Shins é que eles sempre colocam disponível uma alternativa mais barata ao CD na a venda de um EP com a música “de trabalho”, versões, faixas ao vivo, ou uma música sobra de estúdio. Existem dois EPs nesses moldes: *Know Your Onion* (alternativa do *Oh, Invented World*), e *So Says I* (cujo disco correspondente é o *Chutes too Narrow*, o sucesso da banda com mais de 300 mil cópias vendidas). *So Says I* é a música de sucesso do segundo disco. Foi com ela que a banda fez uma aparição no seriado *Gilmore Girls*. É aquela história... você pode vender mais discos se estiver na trilha sonora de *Smallville*, *Lost*, *The O.C* ou sei lá mais o quê. Mas ter moral mesmo é aparecer em *Gilmore Girls*, onde a cultura pop se encontra!



ORISHAS – EMIGRANTES

Falou em hip hop ou rap, estou fora. Não é música para mim. Fico vendo artistas do tipo na MTV, em especial os norte-americanos, e acho tudo um lixo! O rap e o hip hop sempre me pareceram estilos musicalmente pobres demais, monótonos demais, pouco inspiradores. Mas quase toda regra tem sua exceção, e no caso aqui ela vale para alguns expoentes brasileiros, como o Marcelo D2, e os cubanos *Orishas*. Formado por Roldán González, Ruzzo e Yotuel Romero, o trio foi um dos seletos eleitos da revista *Time* como uma das dez melhores “bandas” fora dos EUA (foi a mesma lista que incluiu o Pato Fu). Na época, os Orishas estavam em plena turnê do disco *Emigrante*. Ele é o segundo de três trabalhos que compõe a discografia do trio. *Emigrante* tem como principal característica a internacionalidade dos temas. Faz sentido, uma vez que os três integrantes são radicados na Europa e faria pouco sentido se falassem apenas da pobreza cubana. As letras são sociais, mas também inseridas num contexto político que não é gratuito. Está aí um grande diferencial. Preste atenção na faixa título e a relacione com os protestos incendiários que marcaram a França neste ano. Se fosse fazer um documentário sobre isso, seria a música que usaria como trilha. A faixa *Desaparecidos* é comovente, assim como *Mujer* e *Ausencia* são uma das mais legais. Há de se destacar a voz harmoniosa de Roldán González que traz todo o charme das canções. Ah, e se você escutar o disco e estranhar algumas partes em francês, é por causa do produtor e compositor Niko Noki, um quarto elemento disfarçado dos Orishas. Aliás, o disco *Emigrantes* foi gravado na França. Além disso, vários das pessoas que participaram das gravações são de lá... hum... a tese da trilha sonora fez ainda mais sentido!



NEY MATOGROSSO E PEDRO LUIZ E A PAREDE - VAGABUNDO

Neste ano, li nos jornais a respeito da parceria entre Ney Matogrosso e Pedro Luiz. A princípio não dei bola. Só há pouco tempo, depois de ouvir o disco, é que percebi a minha besteira por ignorar algo de tão bom. *Vagabundo* derrete o coração de um cético. É a linda voz de Ney que encontrou, pela primeira vez em anos, alguém que trouxe frescor a sua discografia. Tudo bem que é basicamente um disco de releituras, mas e daí? Ney Matogrosso é um cantor e não um compositor. Destaco a clássica *Assim Assado* (Secos e Molhados), que ganhou uma versão nova que a deixou igual. Existem certas músicas que são tão perfeitas que é uma tremenda besteira mexer nelas. Só por isso é preciso aplaudir o Ney e em especial ao Pedro Luiz. E há várias outras faixas bacanas. *Disritmia* (Martinho da Vila) ficou chique; *O Mundo* (Karnak) ficou correta. Quanto essa última, é bem verdade que o máximo que se pode fazer com as músicas do André Abujamra e Karnak é deixá-las mais acessíveis (o que não quer dizer "melhor"). Para finalizar, recomendo que escute com carinho *Noite Severina*. É linda.



MOLOTOV – CON TODO RESPETO

Molotov é respeitadíssima lá fora e ao ouvir o disco *Con Todo Respeto*, percebo porquê. O trabalho desses mexicanos veteranos é bem realizado. Há coisas muito boas como as músicas *Diseño Rolas*, *Marciano*, *Quen Pon-Ponk* e *Da Da Da* (essa última uma peça inusitada para uma banda conhecida como fazer rock com peso). O problema é quando eles se metem a misturar rap com guitarra pesada. É nesse momento que eles se nivelam por baixo com bandas babaquinhas de nu metal. A música de abertura, *Amateur*, é uma dessas. De qualquer forma, trata-se de uma grande banda e vale muito escutá-la.



FÁBIO POP – SOLO DELUXE

Há poucos anos ouvi um EP que se não tinha nada de assombroso em termos musicais, ao menos apresentava músicas bem agradáveis. O responsável pelas boas canções atende pelo nome de Fábio Pop e o EP em questão tratava-se do seu projeto *Solo Deluxe*. No final desse ano soube que Fábio havia produzido algo novo no ano passado e fui lá conferir. Infelizmente a boa impressão do primeiro trabalho não se confirmou nesse. São três músicas: *Lar*, *Insônia* e *Diz-Sabores*. Todas parecem ter sido feitas em alguma garagem vizinha ao Violeta de Outono em meados dos anos 80. Ai não dá!



CINCO MARAVILHAS E CINCO PÉROLAS



Bruno SV – vocalista da banda Subversão

AS MARAVILHAS:

- 1 – *Roots* – Sepultura
- 2 – *Sobrevivendo no inferno* – Racionais MC's
- 3 – *Da lama ao caos* – Chico Science e Nação Zumbi
- 4 – *V* – Legião Urbana
- 5 – *Caboclo sonhador* – Raimundo Fagner

AS PÉROLAS:

- 1 – *É o Tchan* (qualquer um)
- 2 – *MC Serginho* (esse sujeito tem disco?)
- 3 – *Leonardo* (sem o Leandro, ele consegue ser pior)
- 4 – *Kelly Key* (contrariando o Marcelo Camelo do Los Hermanos)
- 5 – *Coletâneas internacionais de novelas!*

A ESCURIDÃO É ARREPIANTE

Que tipo de clichês fazem um filme de suspense/terror?

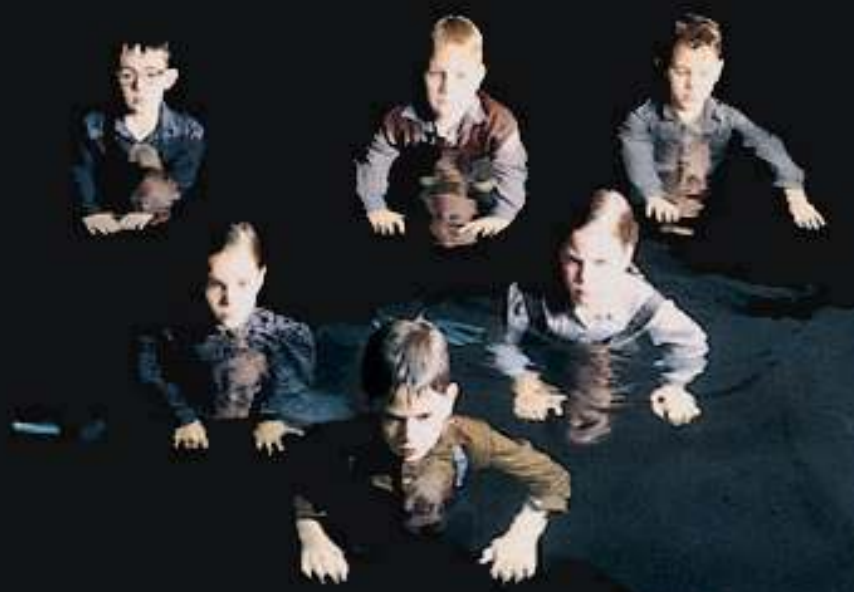
Uma casa assombrada, de preferência que tenha pelo menos 50 anos, cheia de madeira velha e um encanamento que precisa ser trocado com urgência. Tem que ter crianças pavorosas de olhos arregalados que ficam paradas como estátuas num longo corredor. Alguém com um histórico hospitalar de arrepiar os cabelos. Um protagonista carismático, observador, mas nem tão esperto assim.

A Sétima Vítima (*Darkness*, EUA/Espanha, 2002) tem todos esses clichês, mas com a diferença de ter um final surpreendente na manga. Não é nada que agrade gregos e troianos. Só posso dizer que por mais que deixe alguns desapontados, o fim do filme é pessimista, desolador e genial.

Uma família americana vai morar num casarão isolado na Espanha. Tudo lá é velho: a luz falha, sai barro do encanamento. Os dois filhos, em especial a mais velha, Regina (*Ana Parkin* - *X-Men* e *O Piano*), tem uma adaptação difícil. Para piorar, o pai (*Iain Glen*) começa a ter crises nervosas. Um dia, hematomas e arranhões aparecem no corpo do mais novo da família. Ele culpa as crianças que aparecem nas sombras, mas a mãe (Lena Olin) culpa o marido que atravessa crises de descontroles emocionais. Regina acredita no irmão e começa a desconfiar que o problema é a própria casa. Ela e o namorado Carlos (Fele Martinez) iniciam uma investigação para descobrir qual é o problema e se vêem numa trama que envolve cultos macabros.

A atmosfera do filme é tensa, pesada, daquelas que nunca dá um tempo de respiro para o espectador. A questão das crianças que assombram a casa é logo entendida por quem assiste ao filme. Descobrir o porquê é que é o legal. A partir da segunda metade de *A Sétima Vítima*, você fica tão envolvido com o empenho de Regina em saber a verdade e ao mesmo tempo proteger a família, que até os sustos mais óbvios passam a ser grandes.

A Sétima Vítima custou modestos U\$ 12 mi (píffio para os padrões de Hollywood) e foi lançado direto no DVD nos Estados Unidos. No Brasil, o filme teve, no ano passado, uma passagem breve em poucas salas de cinema com divulgação zero. Na Espanha as coisas foram melhores e ele recebeu uma indicação ao Goya de melhor som. É uma pena que coisas assim aconteça. Há tantos filmes porcarias ocupando as salas de cinema, enquanto outros bem mais interessantes vão direto para a prateleira das locadoras. Tudo porque não há uma produtora forte para dar suporte ao trabalho. É... o mundo do cinema é cruel!



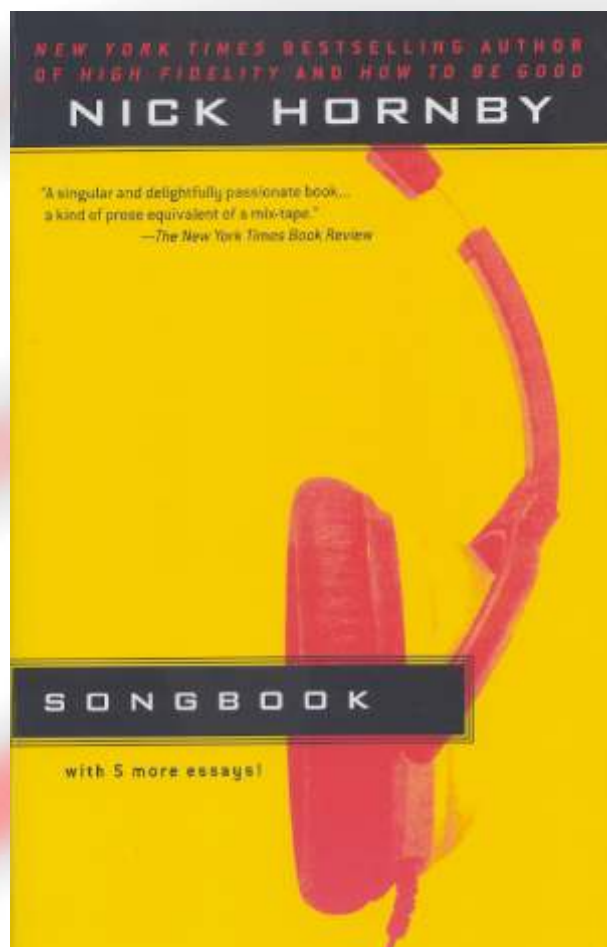
UM LIVRETO SOBRE CANÇÕES AMADAS

Songbook é apenas “um pequeno ensaio sobre canções amadas”. Por quem? *Nick Hornby*. O autor inglês, considerado o maior expoente da literatura pop mundial, fez uma lista das canções que despertam uma memória específica, e decidiu falar sobre elas. Nada de exemplos que se configurem em listas da Rolling Stone ou da Mojo. Ou será que Nelly Furtado ou Richard and Linda Thompson possuem a maior relevância e só foram subestimados até o momento? Parte de todas as canções que estão no livro diz mais respeito ao próprio Hornby.

O escritor escreveu que “frequentemente músicas, livros, filmes e quadros expressam quem você é a perfeição. E eles não fazem isso necessariamente com palavras ou imagens. A conexão é menos direta e mais complicada que isso”. Então citou a escritora Anne Tyler, que escreveu novelas que diziam tudo sobre ele. “Eu não sou um personagem, nem gosto da autora, e não tive as experiências que ela escreveu. Mas era como me sentia por dentro”. A música que diz sobre ele mesmo, por exemplo, é *Thunder Road*, de Bruce Springsteen. É a que o autor mais ouviu na vida. A considera não apenas o seu retrato como também sua resposta para cada rejeição que recebeu, e a cada dúvida de seus amigos ou parentes sobre suas habilidades de ser escritor. “Eu vou sair daqui para vencer”, esse verso de *Thunder Road* foi uma das coisas mais marcantes para Hornby.

As 31 canções que receberam ensaios são aquelas que tiveram relevância na juventude e na vida adulta. Há aquela que é considerada perfeita para a primeira experiência sexual, mesmo não sendo a que estava tocando na vitrola no momento. Há até aquelas que de tão bonitas fazem um ateu como Hornby considerar a existência de Deus. Há o saudosismo do velho pop, de sua juventude. Há a simpatia por uma das músicas mais tocadas do momento. O que é o pop? Por que existem aquelas músicas que faz você ter vontade de a escutar inúmeras vezes? Não há respostas para tais coisas, mas com certeza existem sempre boas teorias inspiradas em suas experiências.

Songbook é uma obra adorável, de linguagem fácil e envolvente. Ao mesmo tempo em que se pode deliciar com as memórias e filosofias baratas de Nick Hornby, abre-se um leque em sua mente. Surgem lembranças e uma vontade tremenda de se fazer a própria lista daquilo que diz respeito a si mesmo. É uma leitura que entretém ao mesmo tempo que inspira. Vamos escrever sobre nossas canções preferidas, vamos dizer o que pensamos, vamos nos revelar por meio de versos inocentes que fazem apenas você chorar.



Trecho*: You Had Time/ I've Had It

“No final, são as canções sobre o amor que resistem melhor ao tempo. Canções sobre trabalho são boas. Também sobre rios, ou pais, ou estradas. Boas canções sobre crianças são raras; é melhor evitar aquelas sobre bichos. Canções sobre drogas – especialmente as que supõem ser sobre garotas, mas são mesmo sobre drogas – não tem o mesmo apelo quando você não está mais na escola e não tem ninguém para explicar o significado escondido. Piadas nunca resistem ao teste do tempo. Canções sobre coisas complicadas tiram a atenção de questões inerentes: por que esse cara está cantando? Por que ele não escreve um artigo para um jornal? E como um solo de *mandolin* esclarece ou ilustra a angústia dos esquimós, afinal de contas? Letras sobre amor, no final, tornam-se como outro instrumento musical, e canções de amor se transformam, de alguma maneira, em música pura.”

*O texto foi adaptado

O VISUAL DO MEU WMP



Depois que descobri o monte de capas (*skins*) para o *Windows Media Player* (WMP) que posso pegar na internet um novo vício se formou. Agora tenho capas para todos os dias do mês e ainda sobra! Vão das mais simples, como um pingüim horroroso e brega chamado Melvin, até aquelas mais sofisticadas, que viram de ponta cabeça com painel digital e cheia de luzinhas piscando.

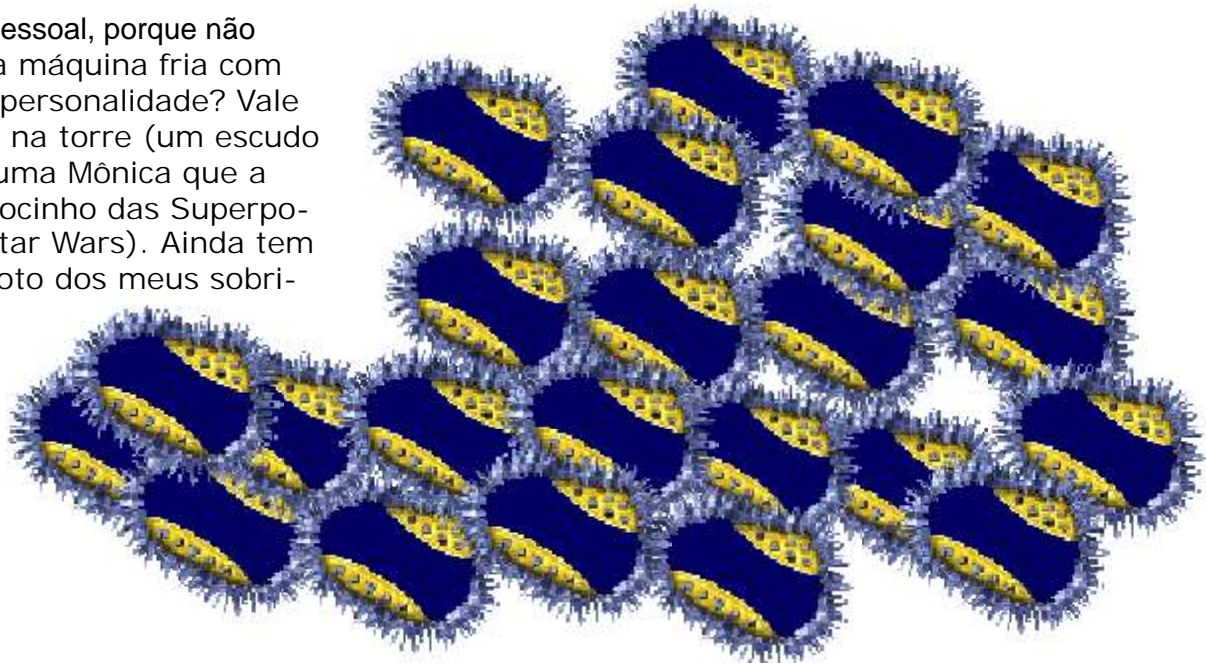
O computador em sua essência é uma máquina fria demais. Um monte de zeros e uns combinados de formas diferentes. A tela é tão brilhante que por vezes fere nossos olhos. A fonte do teclado não reflete a minha personalidade. Ainda não inventaram um meio onde possa escrever meus textos com meus garranchos que parecem mais escrita árabe. Até lá ainda vou ter que digitar muito usando três dedos: o indicador da mão esquerda e o indicador e o do meio a mão direita. Ah sim, e o polegar para a barra de espaço.

Se tudo é tão impessoal, porque não enfeitar? Deixar essa máquina fria com um pouco da minha personalidade? Vale colocar uns adesivos na torre (um escudo do Vasco da Gama, uma Mônica que a Daniela me deu, a Docinho das Superpoderosas, o logo de Star Wars). Ainda tem o papel de parede (foto dos meus sobri-

nhos de preferência, afinal sou uma tia muito coruja) e a tal capa do WMP.

Passo uma boa parte do meu dia em frente a essa máquina, assim como milhões de seres desse planeta, e enquanto estou de frente à tela brilhante, gosto de escutar música. Fiz do WMP a minha rádio particular que só toca o que quero. E nesse processo, gosto de ter vários aparelhos de som virtuais. É como se tivesse um estoque de iPods e usasse cada um de acordo com o humor do dia.

O meu novo preferido é a capa da banda Deep Blue Something, do Texas. Acho que nunca ouvi uma música dessa banda, mas até que bateu a curiosidade. Só sei que a capa deles para WMP é linda. Parece uma máquina de lavar roupa com paredes azul piscina transparente. Você vê a água circulando de um lado para outro e no centro do redemoinho estão os comandos em formato de bolhas e a tela. O barato é que ela traz informações sobre a banda, letra de música, fotos, e-mail dos integrantes e links. Tenho um bocado de capas inspiradas em filmes e games, mas até então nunca tinha visto uma de banda. A idéia é excelente e é uma boa idéia de divulgação. Agora eu quero uma capa de WMP das minhas bandas preferidas!



CRIANDO UNIVERSOS E VIDAS

Sandro Marcelo

Poderia começar este texto com uma série de descritivas enfadonhas sobre processos técnicos de desenvolvimento de roteiros e esquemas de estrutura e composição de histórias, mas quero apelar para um lado que sei que existe em você: a criança!

Esse mundo maluco em que a gente vive tem exigido tanto de nós que não temos mais tempo pra brincar e isso passou a ser coisa de criança. Somos adultos demais para pensarmos em brincar e nos divertir com coisas consideradas bobas e infantis.

Na realidade sufocamos uma criança que quando chega a velhice é que se vê quanto tempo se perdeu em questões meramente dispensáveis.

Digo isso porque vivo a experiência de quem se recusa a deixar a infância no passado. Nasci e passei a adolescência entre desenhos animados e gibis. Conheci mundos, universos inteiros, contemplei vidas. Vi universos nascerem e morrerem, heróis que superavam seus desafios mais impossíveis e superavam as forças malignas, o caubói derrubar a arma da mão do bandido com um

tiro e beijar a mocinha no final. Agora, "adulto" dizem - me para esquecer tudo isso e me concentrar nas coisas sérias.

Ora, como posso abrir mão de universos e de vidas assim tão facilmente? Bem, veio o tempo, as contas para pagar, a família para cuidar (claro, não sou um alienado das coisas da vida, pelo contrário, amo MUITO a minha família - sim, eu sou normal).

Mas a criança está lá e quer brincar. E brinca. E se diverte.

Criar histórias em quadrinhos é uma síntese de tudo isto. Quem cria quadrinhos proporciona àqueles que lêem a maravilha de fascinar-se com situações em que na realidade dura, nua e crua seria impossível de se superarem. É maravilhoso encontrar alguém que leu algo que você criou e que se sentiu encantado.

Quando você faz uma história em quadrinhos, vai buscar fontes para compor o produto final e estabelecer os seus valores ou suas concepções sobre a vida e o mundo. Usará coisas que aprendeu na vida, leu, assistiu, ouviu, consumiu, imprimiu ou sentiu, e comporá seu próprio universo. Desenvolverá vidas de papel que

alegrarão o coração de alguém que se disponha a despir -se de preconceitos e do adulto carrancudo e rabujento que não pode ser criança porque precisa ganhar dinheiro.

A vida passa e o mundo louco fica.

Perco noites em claro, desenhando e escrevendo. Criando, produzindo. Apesar de me divertir é um trabalho duro. Dá dores nas costas, a vista cansa e arde, os dedos doem... mas quando recebo um e-mail de alguém que se encantou com o deserto mundo de Acquars onde Blagster vive, vejo que valeu a pena todo o esforço de me dedicar ao que realmente gosto.

Tenho o sonho de um dia poder viver da renda de histórias em quadrinhos. Quero viver para contar histórias que encantem, para criar heróis que te fascinem e te dêem uma esperança neste mundo louco e ganancioso.

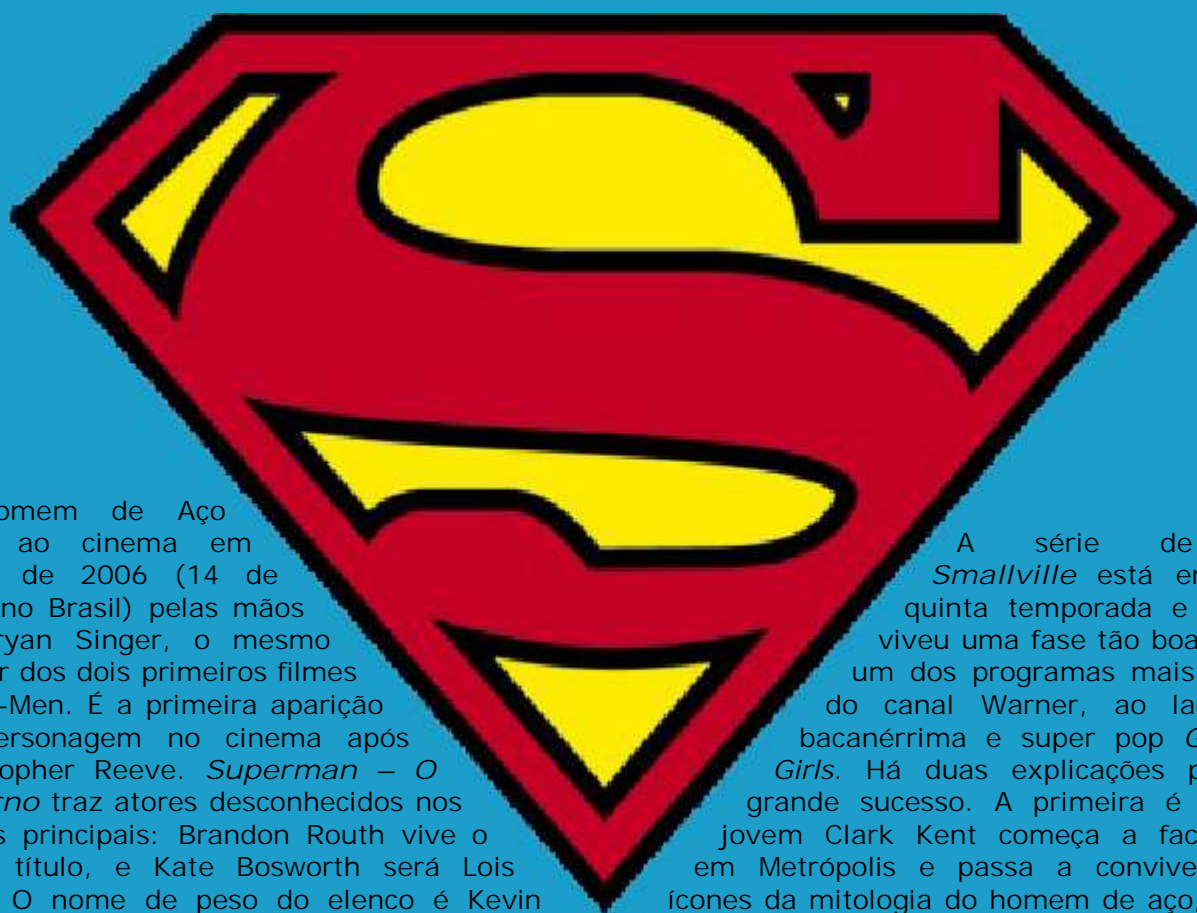
Porque heróis dão esperança. Heróis te fazem rir e sonhar com um mundo melhor que este em que vivemos.

Quadrinhos trazem alegria e vida! Vida de papel, vida criada com pincel, mas uma vida que tem muito mais vida do que a vida de quem só faz correr atrás de papel!



HOMEM DE AÇO EM ALTA

Bons ventos sopram em direção a Metrópolis. Há muito tempo que o personagem clássico Super Homem não estava com o prestígio tão alto, repercutindo bem na televisão, no cinema e nos quadrinhos. Em seu meio original, está à venda nas bancas de revista a série *Crise nas Infinitas Terras*, *Crise de Identidade* e *Crises Infinitas*. São histórias clássicas que tiveram o objetivo de arrumar a cronologia das histórias dos heróis da DC, entre eles o do Super Homem, que se tornaram caóticas ao longo dos anos. Outro objetivo foi dar profundidade aos heróis e atualiza-los. Essas séries não conseguiram arrumar cronologia alguma, porque sempre aparecia um autor maluco, como o cultuado Grant Morrison, para bagunçar as coisas de novo. Há autores que incorporaram inclusive elementos inventados pela série de TV *Smallville*. A palavra crise nunca é um bom sinal, mas não nesse caso porque se não arrumou a casa, ao menos cumpriu a perfeição o papel de dar profundidade aos personagens e mitologia. Por isso mereceram o título de clássico.



O Homem de Aço volta ao cinema em junho de 2006 (14 de julho no Brasil) pelas mãos de Bryan Singer, o mesmo diretor dos dois primeiros filmes dos X-Men. É a primeira aparição do personagem no cinema após Christopher Reeve. *Superman – O Retorno* traz atores desconhecidos nos papéis principais: Brandon Routh vive o papel título, e Kate Bosworth será Lois Lane. O nome de peso do elenco é Kevin Spacey, que viverá Lex Luthor. Por outro lado, o fraquíssimo James Masden (o Ciclope, dos X-Men) também terá papel relevante como o filho de Perry White. Bryan Singer promete criar polêmica, além do logotipo em alto relevo, ao inserir elementos inéditos a mitologia. Após sete anos ausente, o Super Homem retorna à Metrópolis para viver novamente sob a pele do pacato repórter Clark Kent. Ele descobre que sua Lois agora é mãe de um menino, e Lex Luthor recém saiu da prisão. A série de TV *Smallville* também influenciou a tela grande. No filme, tal como acontece na série, será revelado que Clark e Lex foram grandes amigos na adolescência.

A série de TV *Smallville* está em sua quinta temporada e nunca viveu uma fase tão boa. Ela é um dos programas mais vistos do canal Warner, ao lado da bacaníssima e super pop *Gilmore Girls*. Há duas explicações para o grande sucesso. A primeira é que o jovem Clark Kent começa a facultade em Metrópolis e passa a conviver com ícones da mitologia do homem de aço, como a fortaleza da solidão e o Planeta Diário, além de encontros esporádicos com outros heróis da DC. O episódio que apresentou Arthur Curry, vulgo Aquaman, foi o episódio mais assistido da história de *Smallville*. Outra razão é que os personagens começam a se encaixar em suas personalidades originais. A face vilã de Lex Luthor aos poucos se torna predominante, Lois Lane (introduzida na série na quarta temporada) abocanha mais espaço que era destinado a sem graça e complicada (ao meu ver o equívoco) Lana Lang. Há também quem atribua o crescimento da audiência a presença de James Masters (Buffy), um bom e carismático ator.



AlexLuiz

Hoje é feriado. Um dia café-com-leite. Um dia que não vale, vale apenas pra preencher o calendário, pra engrossar o diário, pra fortificar o temor inexistente da solidão. Dessa solidão voluptuosa, lasciva, ofegante. Essa solidão que traz asma, tremedeira e insucesso. Que traz peso à cabeça, que contrai o abdômen e induz taquicardias. Tudo bem, se eu jogá-la fora aí mesmo é que terei de aturar os meus silogismos insuportáveis de maneira ainda menos mágica. Vamos mãos, eu quero palavras eternas, frases completas e indiscutíveis, ditados célebres de uma hora pra outra. Que os olhos ao rerelem isso tudo passem rápido como que acompanhando a Fórmula 1, para que eu não saiba mais quem está na frente ou quem é retardatário. Que veja apenas a mancha colorida dos meus sentimentos sem saber mais decifrá-los, sem saber mais se são bons ou ruins, se são legais ou sacanas. Que eles voem, fujam, se escondam na hora da troca de pneus, que usem uma estratégia que eu nunca pensaria, que se libertem das minhas limitações e conluiem eles mesmos com o destino. Que façam juras de amor e embebedos nesse sentimento imemorial conduzam-me à um bocado de ações benéficas e inebriantes, fortes e vencedoras. Que a hora da largada se confunda pra sempre com a hora da chegada. Que tenha sempre uma daquelas modelos que a gente nem sabe como é a voz, mas que agita a bandeira quadriculada e pesada de forma tão singela que a gente acaba sempre achando que no fim tudo acaba bem, que no meio as emoções é que valem e no começo e tem sempre alguém lindo pra dar a bandeirada. Pra gente começar todo dia de novo, acabar todo dia, correr toda hora e não ficar ofegante, sentir o gosto do vento nos olhos, apreciar o pódio que espera paciente com a taça dourada e polida no degrau mais alto, onde nosso nome já está gravado. Lá onde eu possa jogar champanhe nos cabelos de Deus e ele revide com um esguicho bem no meu rosto. Onde minha língua acaricie meus próprios lábios e eu sinta naquela bebida espumante e vagabunda, o gosto do sêmen divino da felicidade.

Este é um trecho do livro *Catraca*, o terceiro do autor